



Coleção
Raízes do Futuro

06

COMUNIDADES QUILOMBOLAS DE BORDÕES E CASTRO

PIRANGA - MG

História • Território • Economia e Sociedade



CRÉDITOS

Autoras e autores (Comunidade)

Geremias da Silva Telésforo, Jânio Henrique da Silva, Maria Aparecida da Silva Telésforo, Rita Aparecida Gumercino da Cruz, Thauâne Samara da Silva.

Equipe do Projeto Raízes do Futuro

Alice Capanema, Frederico Augusto Alves Gonçalves, Jorge Andrade, Leda Maria Benevello de Castro, Marina Fares Ferreira, Regina Campos, Ricardo Ferreira Ribeiro, Rosana Cristina Avelar.

Equipe de edição

Fotos e Mapas - Acervos Cedefes e Comunidade
Projeto Gráfico e diagramação - Derval Braga e Juliana Vaz

Diretoria do Cedefes

Alenice Maria Motta Baeta - *Presidenta*
Luci Rodrigues Espechit - *Tesoureira*
Maria Elisabete Gontijo dos Santos - *Secretária*

Impressão

Imagem Editora Gráfica
2025 - 300 exemplares

Belo Horizonte (MG), dezembro 2025

Apoio



PROJETO RAÍZES DO FUTURO

O Projeto Raízes do Futuro trabalha e valoriza a presença viva das tradições nas comunidades quilombolas de três regiões vizinhas de Minas Gerais — Alto Paraopeba, Vale do Piranga e Campo das Vertentes/Zona da Mata —, buscando, a partir desse patrimônio cultural, construir caminhos para um futuro melhor.

Cada comunidade participante indicou três representantes para integrar um ciclo de dez encontros, realizados aos finais de semana, com intervalos aproximados de 45 dias entre cada um. As reuniões aconteciam sempre nas próprias comunidades. Em cada encontro, eram apresentadas duas técnicas de Diagnóstico Rápido Participativo (DRP), que os representantes aplicavam em suas comunidades, trazendo os resultados para compartilhar no encontro seguinte.

Essas metodologias permitiram que cada grupo refletisse sobre sua história, território, recursos naturais, modos de subsistência, produção, consumo, relações internas e externas, além da organização das atividades econômicas e socioculturais ao longo do ano.

Os encontros foram concebidos como espaços de aprendizado coletivo e troca de experiências. Além das atividades formativas, aos sábados eram promovidas as Noites Culturais, organizadas pelas próprias comunidades, fortalecendo a identidade e o convívio comunitário.

No entanto, os objetivos do projeto iam além do diagnóstico. Buscava estimular ações concretas capazes de contribuir para a transformação da realidade local. Como resultado desse trabalho, várias comunidades iniciaram o processo de certificação quilombola junto à Fundação Cultural Palmares, enquanto algumas focaram na organização institucional interna e outras na articulação junto ao poder público, reivindicando melhorias na infraestrutura local.

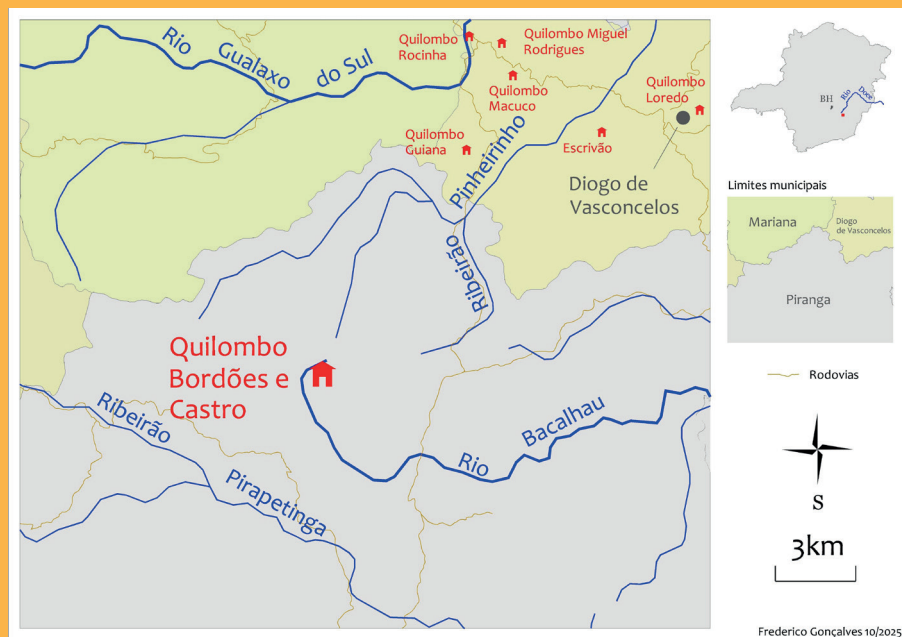
Este livreto integra a Coleção Raízes do Futuro e foi escrito pelos representantes quilombolas participantes do projeto, a partir das pesquisas que realizaram com base nas técnicas de Diagnóstico Rápido Participativo.

COMUNIDADES QUILOMBOLAS DE BORDÕES E CASTRO

PIRANGA - MG

Localização da Comunidade

As Comunidades Quilombolas Bordões e Castro estão localizadas a 18km do centro urbano do município de Piranga, especificamente no distrito de Santo Antônio do Pirapetinga, na Zona da Mata, região sudeste de Minas Gerais. A distância entre as comunidades é de três quilômetros e o acesso à cidade é realizado por meio de estrada de chão batido. As duas comunidades juntas possuem em torno de 100 famílias.



■ História

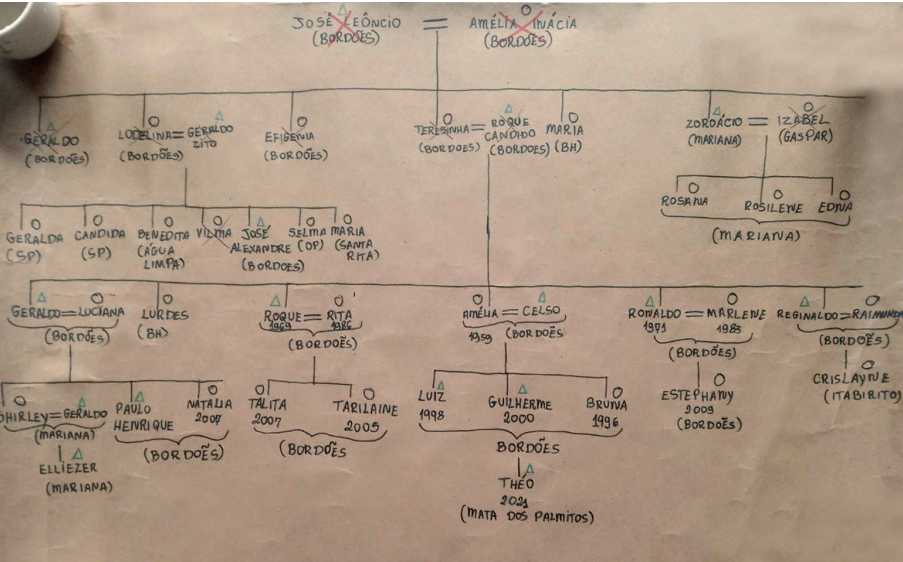
De acordo com relatos dos antepassados, os escravizados percorriam a pé o caminho de Ouro Preto até a comunidade de Bacalhau, onde trabalhavam nas construções históricas, como o Santuário de Bom Jesus do Bacalhau, no município de Piranga. Ainda é possível ver os muros de pedra que eles construíram. Vale a pena mencionar que “castro” é uma fortificação típica de Portugal e da Espanha, erguida nos períodos pré-romano e romano. Muitos, exaustos, encontraram refúgio nas matas, quando fugiam de seus senhores. O lugar para onde eles iam passou a ser conhecido como Castro. Esses espaços funcionavam tanto como povoados permanentes quanto como refúgio para as comunidades locais em momentos de ameaça.



■ Missa na primeira igreja de Bordões, na década de 1970.

Já a comunidade de Bordões recebeu este nome a partir de um evento histórico ocorrido em 1970, durante um baile. Naquele tempo, o chefe local obrigava todas as pessoas a dançar, e aqueles que se recusavam eram punidos com um bordão, que era um tipo de chicote.

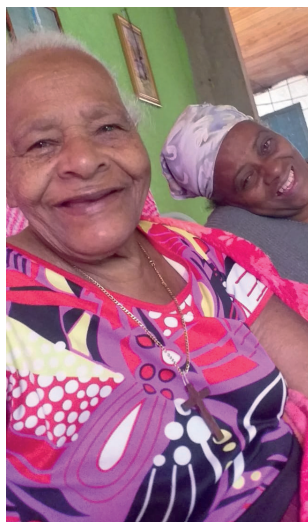
Esses relatos permanecem vivos nas memórias dos moradores atuais. Eles lembram com gratidão dos primeiros moradores: Chico Luiz na comunidade de Castro e Dona Amélia e José Leôncio, em Bordões. Desde quando chegaram ao local, as pessoas passaram a utilizar os bens naturais para sobrevivência, com destaque para a plantação de hortaliças e a criação de animais. O trabalho duro e árduo marcou a infância dos atuais moradores e também dos mais antigos, de quem se lembram com orgulho, pois foi por meio deles que as famílias vivas hoje conseguiram seus sustentos.



■ Árvore genealógica da família de José Leôncio e Dona Amélia.

Dona Inês, nascida em 1940, é uma senhora de destaque, por ser uma das mais antigas e ainda viva na comunidade, durante esta pesquisa, em 2025. Graças a isso, suas lembranças podem ser compartilhadas com as atuais gerações, como uma forma de manter viva a história e a cultura antiga dos primeiros moradores de Bordões e Castro. Ela conta que sua infância não foi fácil, desde o trabalho cansativo à falta de oportunidades para estudar, passando ainda pelo pouco tempo que tinha para brincar. Ela reconheceu em seu relato as necessidades que não só ela, mas todos passaram, para que o sustento das famílias fosse feito.

Dona Inês conta histórias sobre as festas da comunidade, uma tradição antiga que é realizada até os dias atuais (a festa de Nossa Senhora Rosa Mística e Nossa Senhora das Graças). Além disso, ela relembra o quanto a comunidade mudou. Segundo ela, antigamente, as moradias eram feitas de pau a pique, forradas com sapé. Até mesmo o modo como a água chegava nas casas era diferente, pois antes ela era canalizada por bambus improvisados como cano de PVC, o que hoje não acontece mais.



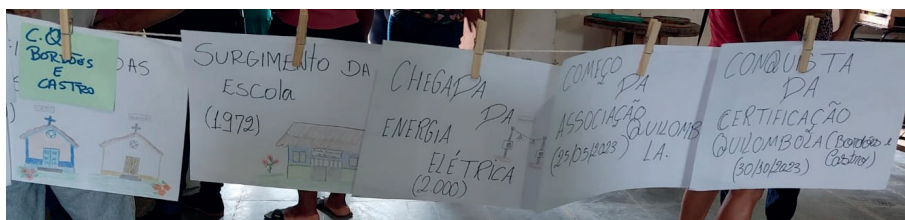
■ Dona Inês André Martins, uma das moradoras mais antigas da comunidade e a filha, Maria Aparecida da Silva Telésforo.

As casas mais antigas da comunidade eram a de Dona Amélia e de Chico Luiz, ambos falecidos, e ambas as casas também não existem mais.

Antigamente, os moradores tinham como lazer festas e missas, na Semana Santa, por exemplo. Eles seguiam crenças como: socar café e arroz antes que se iniciasse a Semana Santa, não podendo realizar trabalhos após o início do feriado Santo. O arroz e o café eram vendidos para comprar outros alimentos.

Em 1970, aproximadamente, surgiram as igrejas de Bordões e Castro, com destaque para a primeira missa na igreja de Bordões, um registro histórico guardado nas lembranças dos moradores. Logo após, foi construída a escola na comunidade. Antes disso, as aulas eram aplicadas no porão da casa da Dona Amélia. Hoje a escola se encontra desocupada e é palco de reuniões da associação.

A energia elétrica chegou em 2000 e foi também um acontecimento importante para a comunidade, que antes utilizava lamparina e candeias.



■ Linha do tempo das Comunidades de Bordões e Castro, atividade realizada em um dos encontros de formação do Projeto Raízes do Futuro.

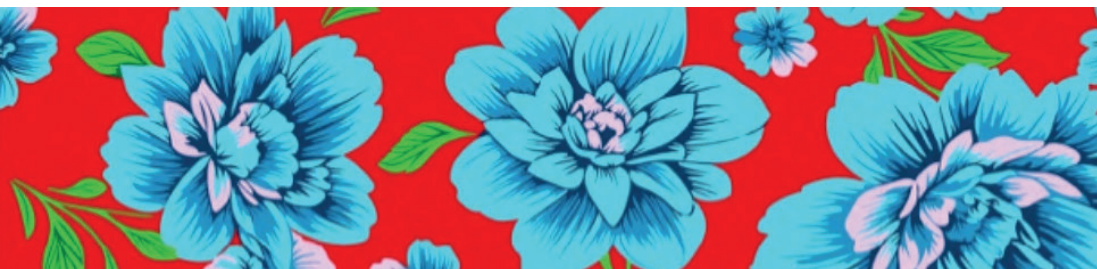
Muitas pessoas guardam consigo objetos antigos, que um dia fizeram parte da rotina e da história dos antepassados, como fotos e artefatos antigos, candeias, lamparinas, bolsas de palha, peneiras, pilão, pedra de sabão, caixotes, camas de bambu, grapião, entre outras coisas.

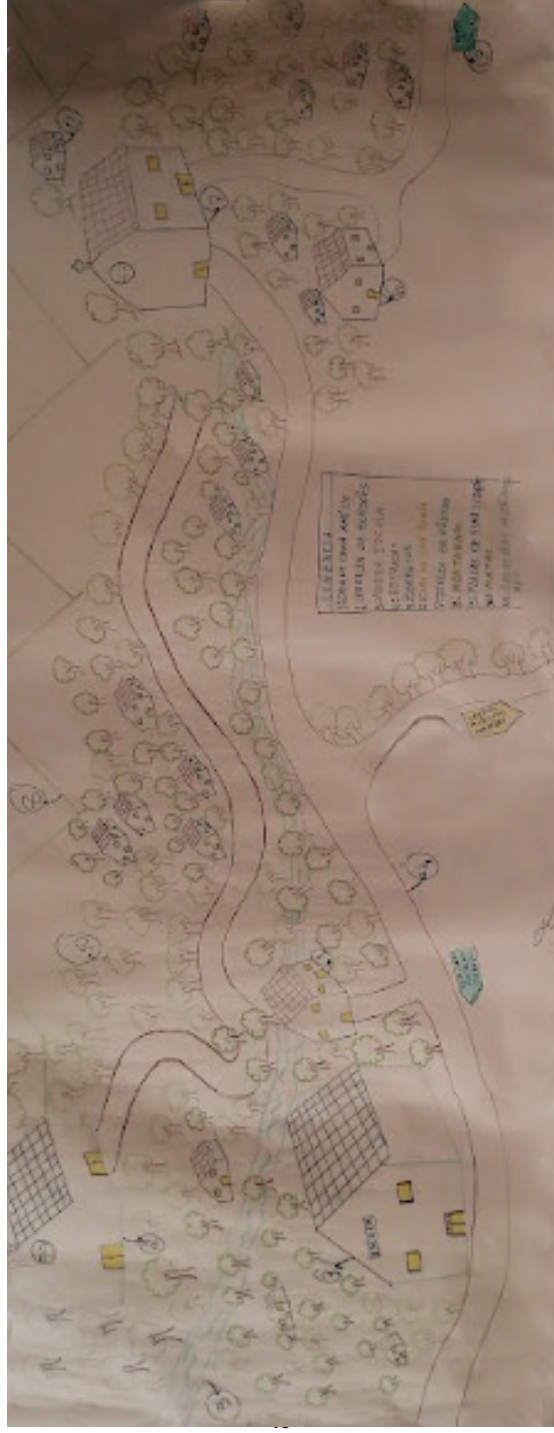
Território

As duas comunidades estão próximas uma da outra e possuem casas afastadas entre si, com ruas de chão batido. Na comunidade de Bordões há um centro que serve como ponto de apoio às famílias, disponibilizando atendimento médico todas as quintas-feiras. Também em Bordões existe a Capela de Nossa Senhora das Graças, e na comunidade de Castro está localizada a Capela de Nossa Senhora Rosa Mística. Em ambas, ocorrem missas uma vez por mês.

Historicamente, os moradores utilizavam as matas da região para corte de lenha, prática fundamental para a subsistência e aquecimento. Além disso, as pastagens, presentes nas fazendas locais, eram aproveitadas nos serviços prestados aos donos, como cortar capim, roçar pasto, entre outras atividades rurais.

A produção de frutas é uma prática comum, sendo cultivadas majoritariamente em roças ou nos quintais das casas. As matérias-primas necessárias ao cotidiano da comunidade também são extraídas das matas e servem para construir cercas para galinhas, lenha para fogão, taquara para artesanato, bambu para cerca de horta, cabo para foices e enxadas. A água utilizada por todos os moradores provém exclusivamente das nascentes locais, evidenciando a dependência direta dos recursos naturais. O lazer sempre esteve presente nos campos de futebol e barzinhos, sendo comum a prática de jogar bola no campo e baralho.





■ Mapa simbólico de Bordões e Castro, uma das atividades realizadas pelos participantes no Projeto Raízes do Futuro.

A paisagem é composta por árvores nativas da Mata Atlântica, eucaliptos, montanhas, pastagens, morros e estradas de terra. Para a extração e manejo desses recursos, a comunidade utiliza ferramentas tradicionais como foices e machados, além de ferramentas motorizadas, movidas a gasolina, como motosserras e roçadeiras. Os moradores reconhecem a importância dos elementos naturais para sua sobrevivência. Apesar de muitos insumos virem de fora, a natureza ainda exerce papel central na geração de renda e no cotidiano da comunidade.



■ Dona Aparecida da Silva Telésforo com o socador para socar café, milho e amendoim.



■ Forno de cupim na residência de Marlene Custodio e Ronaldo Irene, na comunidade de Bordões.

Economia e sociedade

O fluxo econômico da comunidade acontece a partir das entradas e saídas de produtos e serviços. As entradas são compostas por roupas, calçados, e outros itens de vestuário, além de alimentos como arroz, milho e macarrão. Também fazem parte das entradas o sabão, ferramentas como foice, machado, roçadeira, produtos de uso agrícola como adubo e fertilizantes, remédios, eletrodomésticos como fogão e geladeira, além de energia elétrica e internet.

Nas saídas, a comunidade fornece cachaça, mão de obra, alimentos, hortaliças, carvão, queijos e quitandas. Esse movimento de entradas e saídas evidencia a dinâmica econômica que sustenta a vida da comunidade.



■ Apresentação da atividade Diagrama de Fluxo realizada no Projeto Raízes do Futuro.

A comunidade de Castro realiza diversas atividades ao longo do ano: a horta é cuidada pelas mulheres e acontece de janeiro a dezembro. O período escolar vai de fevereiro a dezembro. O cuidado com os animais é feito por homens e mulheres durante todo o ano.

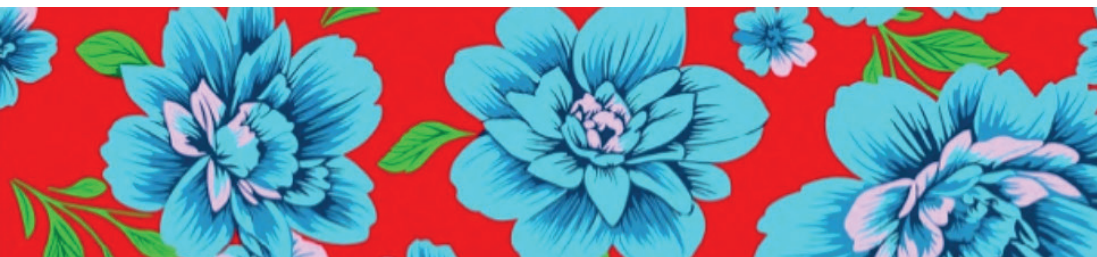
A colheita de feijão acontece de janeiro e junho, feita por homens e mulheres, enquanto o plantio ocorre em março e novembro. O milho é plantado em novembro e colhido em março, também por homens e mulheres. Já as capinas acontecem em abril, assim como a colheita da laranja, feita por homens, mulheres, jovens e crianças. Em agosto, ocorre a preparação da terra, realizada por homens e mulheres.

A colheita da manga acontece em janeiro, fevereiro e dezembro, com a participação de homens, mulheres, jovens e

Quilombola das Comunidades de Bordões e Castro, no dia 20 de maio de 2023, com o objetivo de garantir os direitos quilombolas, lutar pela posse das terras, proteger a cultura e a identidade, além de cuidar do bem-estar social e econômico. A associação também tem a função de representar a comunidade diante de entidades governamentais e outras organizações políticas, buscando soluções para os problemas e desafios enfrentados. ■



■ Reunião da Associação na Comunidade Quilombola de Bordões e Castro.



CEDEFES 40 anos de História

O Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva - CEDEFES é uma entidade privada, sem fins lucrativos, de âmbito estadual, fundada em 1985 por um grupo de professores, sindicalistas e religiosos. O nome é uma homenagem a Eloy Ferreira da Silva, trabalhador do campo e sindicalista no município de São Francisco, Minas Gerais, assassinado por grileiros em 16 de dezembro de 1984.

O objetivo do CEDEFES é promover a informação e educação popular, documentar, arquivar, assessorar, elaborar projetos, pesquisar e publicar obras de interesse dos povos tradicionais e dos movimentos sociais, fortalecendo as suas lutas, organização, articulação e conquista de direitos.

Suas atividades são mantidas, essencialmente, pelo trabalho voluntário dos sócios e colaboradores e uma parceria consolidada ao longo de vinte e dois anos com a entidade de cooperação internacional alemã Misereor e com o KMB, da Áustria.

A entidade tem o apoio também das Irmãs Sacramentinas de Nossa Senhora, que abrigam a organização há 17 anos, e dos irmãos Maristas e Franciscanos, que ajudam em situações específicas. Além disso, desenvolve projetos relevantes em parceria com Ministério Público de Minas Gerais.

No ano 2000, durante o Seminário “500 Anos de Resistência Negra no Brasil: os Remanescentes de Quilombo e Outras Experiências”, representantes de movimentos negros de Minas Gerais pediram para o CEDEFES atuar junto às comunidades quilombolas do Estado.

Desde então, entre 2003 e 2022, o CEDEFES conduziu sete projetos de apoio às comunidades quilombolas, em várias regiões de Minas Gerais. Seguindo essa caminhada, em 2023, teve início o projeto “Raízes do Futuro”, o oitavo projeto quilombola fruto da parceria CEDEFES / MISEREOR / KMB. Esta coleção de livretos é um dos resultados deste projeto.